

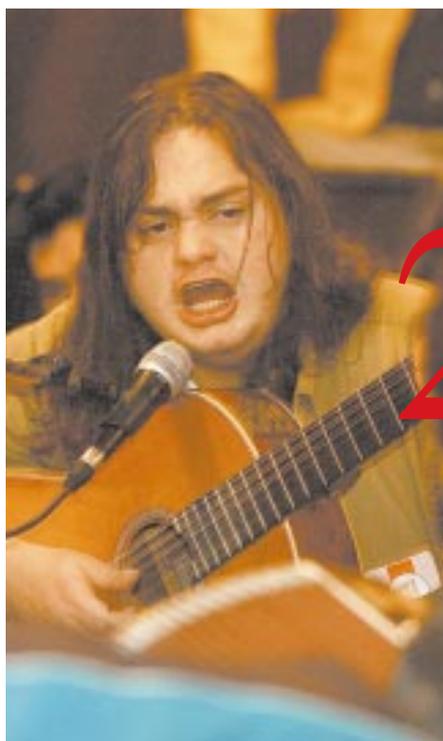


No amanhecer, a música corre solta

Relógio gaudério



Itacyr e Bonifácio começam a preparar o almoço



Yamandú canta "Alma guarani"



Debaixo de chuva, trio finaliza sua composição



No baixo acústico, Wirtti ensaia



Jorge Freitas e Farelo em nova roda à hora do almoço

Na Barranca, o dia passa de uma forma muito particular: há momentos de matear e prosear, mas o tempo todo tem música

Bonifácio Rodrigues de Paula, 67 anos, 24 deles como um dos cozinheiros da Barranca, garante que não se precisa de relógio no festival:

– Pra que saber as horas? O corpo sabe o que fazer.

O Caderno Cultura conferiu durante toda a Sexta-Feira Santa como é o biorritmo dos barranqueiros. Às 6h da manhã, a tertúlia corria solta com mais de 30 pessoas, entre elas

Erlon Péricles, Cristiano Quevedo, Eracy Rocha, o acordeonista Pertônico e Yamandú Costa. Fazendo uma pausa, Eracy comentou:

– Eles viraram a noite. Os mais novos trazem nativismo, os mais velhos alguma seresta e poesia.

Do outro lado do galpão, está a cozinha. Às 7h, Bonifácio (de avental) e Itacyr Moraes dos Santos, 67 anos, comentam que às 6h cai da cama uma equipe

de seis pessoas, para começar a preparar o almoço para mais de 200 pessoas. Na Sexta, foi dourado e piava fritos, mais de 150 quilos de peixe ao todo, acompanhados de arroz e feijão.

– Vamos dormir mas sempre deixamos uma panela ali na cozinha, para ajudar quando bate o desespero nos barranqueiros que viram a noite – diz Bonifácio.

São 9h e o contra-baixista Guto Wirtti, 23 anos, radicado no Rio desde 2003, atualmente acompanhando Yamandú, Léo Gandelman e Mart'Nália, vai para trás da tela que fica no fundo do palco para praticar escalas no seu instrumento.

– Depois que a gente sai do Sul, valoriza mais a terra de origem. Quando se mora aqui, a gente fica preso a detalhes, não vê a essência – constata Wirtti.

Às 13h, enquanto a maioria come, Jorge Freitas está em nova roda, ao lado do Farelo. Aos 45 anos, 23 Barrancas de idade, Freitas é conhecido como Gildinho, por lembrar Gildo de Freitas na maneira de cantar.

Ele aponta que a Barranca exhibe a diversidade de ritmos que existem no Sul mas lamenta que antigamente havia grandes rodas de mate, hoje mais raras. São 15h e, mesmo com chuva torrencial, Felipe Pons, 21 anos, Diogo Corrêa, 58 anos, e Canrobert Barcelos, de 46 anos, estão terminando sua composição para concorrer na Barranca.

– O tema é muito bom (“Nosso tempo”). Vamos fazer uma analogia com o rio. As opiniões são afluentes de um mesmo curso, o tempo é como rio também, sempre fluindo – compara Corrêa.

Batem as 23h, e as rodas seguem criando música. Numa delas, um fato raro: Yamandú Costa, que começou cantando em bares quando tinha cinco anos (“Meu pai me colocava em cima da mesa”) e só aos nove anos adotou o violão definitivamente, solta a voz em *Alma guarani*.

Realmente, a Barranca não precisa de relógio – o único tempo que importa é o da música.

Data Publicação : 22/04/2006

Caderno :Cultura

Editoria : Segundo Caderno

Ilustração : Foto

Assunto :

Música, Evento Musical, Tradição, Música gaúcha, Festival de Música